



De fora pra dentro. Nas histórias, exibidas em sequência, artistas de diferentes áreas analisam como a esfera pública interfere na vida privada

Dramaturgia ‘express’ RODÍZIO DE FAMÍLIAS NUMA CASA INCOMUM

Sucesso há dois anos, Microteatro ganha nova edição a partir de hoje, com cinco peças inéditas, de até 15 minutos, encenadas no Castelhinho do Flamengo

LUIZ FELIPE REIS
luiz.reis@oglobo.com

Em 2014, Fernanda Bond, Julia Mariano e Lucas Paraizo se juntaram para ocupar diferentes espaços do Castelhinho do Flamengo, testando uma proposta teatral inédita por aqui, o projeto Microteatro. Idealizado na Espanha por Yolanda Barrasa, em 2009, o projeto havia sido um sucesso em Madri, e chegava ao Rio mantendo sua proposta: criar peças de até 15 minutos e apresentá-las simultaneamente em vários ambientes do casarão, para no máximo 15 espectadores. Deu tão certo que as filas contornaram o Castelhinho, a disputa por senhas foi intensa e o burburinho atraiu mais de 3 mil espectadores. Agora, passados dois anos, o Microteatro está de volta. A partir de hoje, às 19h, cinco obras inéditas serão encenadas simultaneamente, e cada espectador poderá assistir a elas em sequência, já que todas fazem cinco sessões por noite. Com orçamento cerca de 40% menor do que em 2014, o Microteatro 2016 se apresenta um pouco mais enxuto — com cinco peças, em vez de sete —, mas nos mesmos moldes, mesclando artistas de teatro com realizadores de outras linguagens, como dança, performance, cinema e artes visuais.

— A relação com criadores tão potentes e diferentes gerou uma versão bastante heterogênea, que é resultado, também, das nossas diferenças como curadores — diz Fernanda. — Se a Julia é mais ligada ao documentário e aos movimentos sociais, o Lucas investiga muito roteiro e ficção, enquanto eu trafego entre a academi-

nia, a performance e o teatro. Então pensamos a cena com um espaço de diálogo entre diferentes áreas artísticas, um lugar com fronteiras mais borradas. E assim são as peças que apresentaremos, porque acreditamos nessa confluência, e os artistas convidados estão habituados a criar em diferentes áreas.

Entre os convidados estão, por exemplo, o documentarista Eryk Rocha, que ao lado da atriz Gabriela Carneiro da Cunha dirige “Abril”. Como as demais microobras deste ano, a peça responde ao mote “pela família”, e leva a um dos quartos do casarão uma mulher (Carolina Virgüez) que, diante de uma TV, observa um mundo de horror, em que novos e velhos fantasmas assombram o país.

MICROSHOWS E MICROCINE TAMBÉM

No Microteatro, outros trabalhos investigam de que modo o contexto político brasileiro invade o ambiente privado e interfere no comportamento individual ou familiar. Em “Procura-se empregadx”, também guiada por um cineasta (Allan Ribeiro), um casal negro de classe média alta (Léa Garcia e Wilson Rabelo) e um empregado de pele branca (Gatto Larsen) selecionam currículos e para a contratar um novo empregado.

— No caso, alguém da plateia — diz Fernanda.

As relações entre patrões e empregados também ganham espaço em “A cozinha é o melhor lugar da festa”, uma criação coletiva de Alamo Facó, Eduardo Rios, Luiza Arraes e Marina Viana. Já o diretor Adriano Guimarães e a dançarina Denise Stutz assinam “Ruído”. Inspirada em “Casa to-

mada”, de Julio Cortázar, a obra narra a vida de dois irmãos numa casa que, aos poucos, é invadida por sons inexplicáveis.

— De algum modo, esses trabalhos observam como a esfera pública influi no campo privado, como o processo político atua no microcosmo, no universo familiar — diz a curadora. — Ou seja, como a família é atingida pelos acontecimentos recentes que o país atravessa.

Disposta a derrubar tabus familiares e expandir limites de gênero, “Laundromatic” toma como ponto de partida um caso clínico de gêmeos canadenses que, nos anos 1960, inaugurou importantes debates sobre identidade de gênero e cirurgia de mudança de sexo. Com direção de Marco André Nunes e texto de Pedro Kosovski, a peça traz Cris Amadeo e Ricardo Santos se multiplicando entre diferentes personagens de uma mesma família.

— A família é o microcosmo de uma sociedade e reflete as mudanças da estrutura social ao longo do tempo — justifica Lucas. — A escolha do tema propõe questionamentos sobre sua definição, abrangência e limites. Afinal, o que é “família”?

Paralelamente, o Microteatro apresentará microshows com Ana Cláudia Lomelino e Bem Gil e o Microcine, com cinco curtas-metragens. Os shows acontecem amanhã e nos dias 12, 18 e 26, às 20h40m, 21h10m, às 21h40m. E os curtas são exibidos às sextas e sábados, sempre a partir das 20h30m. ●

MICROTEATRO

ONDE: Castelhinho do Flamengo — Praia do Flamengo 158 (2205-0655). **QUANDO:** Sex. e sáb., às 19h. Até 26/11. **QUANTO:** Grátis. **CLASSIFICAÇÃO:** 16 anos.

INVESTIGAÇÃO ENTRE REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA PROFUNDA

Teatro

Crítica

“OS CADERNOS DE KINDZU”

ONDE: CCBB — Rua Primeiro de Março 66, Centro (3808-2020). **QUANDO:** De qua. a dom., às 19h30m. Até 18/12. **QUANTO:** R\$ 20. **CLASSIFICAÇÃO:** 14 anos. **COTAÇÃO:** Bom

MACKSEN LUIZ
segundocaderno@oglobo.com.br

Da “Terra sonâmbula” de Mia Couto, o Amok Teatro encenou os desdobramentos narrativos que o romance desfia no ambiente mítico da cultura africana, vivido em cenário devastador de guerra. A oralidade literária do autor moçambicano, que captura a imaterialidade do mágico, se confunde com a crueza de conflito armado e de perversidades coloniais. Kindzu descreve em seus cadernos os deslocamentos por terrenos minados e por invasores políticos, assolados por pragas sociais e desterritorializados da identidade.

O percurso, como saga pela posse usurpada, leva esse homem a se mover para readquirir o espaço vital, caminhando pela tragédia do presente e a ancestralidade do sonho. Cada passo é uma história, que sai de dentro de outra e circula pela palavra que se revela como uma das últimas possibilidades de sobreviver à crueldade do real. O grupo Amok, na direção de Ana Teixeira e Stephane Brodt, prossegue com esta nova montagem a sua investigação da irracionalidade de conflitos, da representação cultural de etnias e da fabulação poética e mítica.

A partir desses planos narrativos, o grupo compõe um quadro reflexivo, em que vozes, imagens e sons reproduzem rituais e contrastam violências. Descrever a tentativa de Kindzu reconquistar seu lugar sugere à dupla de encenadores o mural de uma África

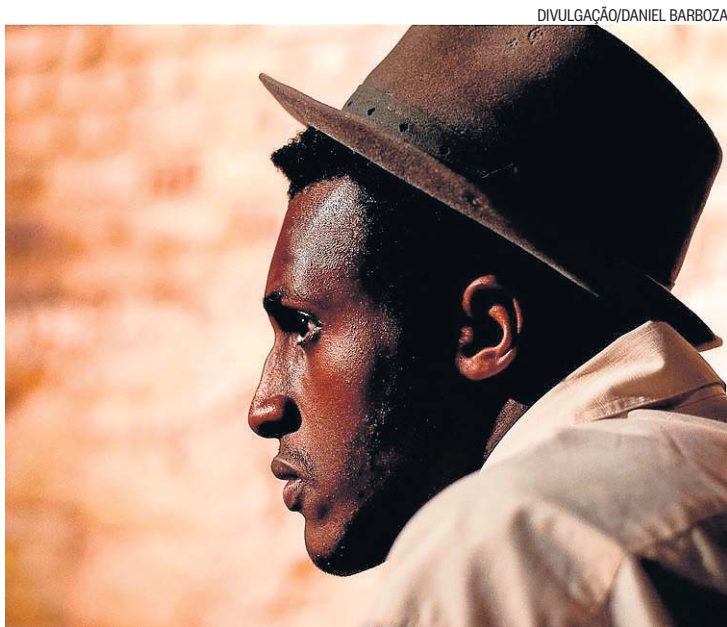
profunda, em que o imaginário impulsiona o ponto de partida da jornada até a imutabilidade da chegada.

O aparato visual para apoiar a crueza do espaço emocional se define pelo despojamento do figurino em cores terrosas e pretas e nos poucos elementos utilitários como cestos e caixotes. A iluminação de Renato Machado não resolve bem a cena em sombra. A música, criação do elenco, avança para além das sonoridades rítmicas para se apresentar como contrapontos dramáticos que marcam os tempos de memória e de ação. O domínio dos diretores desse metrônomo cênico assegura que os desdobramentos das histórias criem uma envolvimento que se aproxima, sem obviedade, do realismo fantástico.

ATORES FALAM COM SOTAQUE

A montagem confirma o prosseguimento da pesquisa do Amok de um universo multitemático de significados reais e evocações simbólicas. Em “Os cadernos de Kindzu”, os atores falam com leve sotaque de países da ex-África portuguesa, não apenas como modo de localizar, mas como emissão de trajetória antiépica. O elenco está no centro da consolidação das técnicas e da teoria do grupo. Os atores emprestam autoridade às suas interpretações, com segurança corporal e modulações vocais.

Vanessa Dias como a silenciosa Assma ou a portuguesa Virgínia faz do corpo o melhor de sua atuação. Sérgio Loureiro, como o pai de Kindzu e o bêbado Quintinho, estabelece ponte entre lembrança e realidade. Gustavo Damasceno vive o colonizador. Graciana Valladares é a mulher presa à vida no barco de vidas roubadas. Stephane Brodt tem forte presença como o indiano. Luciana Lopes, em papéis de matriarcas, e Thiago Catarino, Kindzu à procura do espaço da identidade, contracenam em sintonia. ●



Amok. Thiago Catarino: sintonia com o elenco como o Kindzu de Mia Couto

UM PALCO COM MAIS HUMOR E MENOS POLÍTICA

Fernando Caruso e seu ex-aluno Rafael Studart tiram sarro do cotidiano no espetáculo ‘Solo junto’

Um dos principais nomes da geração que tornou o stand up mais do que um fenômeno, mas um formato a ser investigado, Fernando Caruso alia, hoje, experiência e experimentação nesse terreno. E agora divide a cena com um ex-aluno de suas aulas de teatro, o também comediante Rafael Studart. Os dois acabam de estreiar o espetáculo “Solo junto”, que está em cartaz no Teatro



Divulgação

Em dupla.

Caruso e Studart em cartaz no Teatro Fashion Mall

“ZONA NEUTRA”

Em “Solo junto”, ambos fazem humor a partir de observações do cotidiano, mas sem explorar o contexto político atual. Rafael, que além de comediante é físico, toma partido de seu conhecimento da área e de seus insucessos na

noite, entre outros assuntos com os quais o público por se relacionar.

— Talvez inconscientemente tenhamos nos distanciado um pouco da política — pondera Caruso. — É um tema tão polarizado e eu já participo de tantas brigas no WhatsApp que preferi fazer do teatro uma zona neutra. — A ideia é que todos possam rir juntos, relaxar e retornar para casa descansados e renovados, com energia suficiente para voltar a brigar pelo WhatsApp.

Além dos textos criados por cada um dos performers, o trabalho também abre espaço para jogos de improviso, como lembra Caruso:

— Perto do fim, a gente abre o trabalho para a improvisação. Acho que não fazia improvisação nos palcos desde a minha última temporada com o “Z.É.”, em 2012, mas é uma coisa que nós dois temos facilidade e adoramos fazer. (Luiz Felipe Reis) ●

“SOLO JUNTO”

ONDE: Teatro Fashion Mall — Estrada da Gávea 899, São Conrado (2422-9800). **QUANDO:** Sex. e sáb., às 21h30m; e dom., às 20h. Até 27/11. **QUANTO:** R\$ 70 (sex.) e R\$ 80 (sáb. e dom.). **CLASSIFICAÇÃO:** 12 anos.